

# **BALÉ DA UTOPIA**

*Álvaro Caldas*

**BALÉ DA UTOPIA**

Garamond

Copyright © 1993, 2006, Álvaro Caldas

Direitos cedidos para esta edição à

**Editora Garamond Ltda.**

Caixa Postal: 16.230 Cep: 22.222-970

Rio de Janeiro – Brasil

Telefax: (21)2504-9211

e-mail: editora@garamond.com.br

*Editoração Eletrônica*

Luiz Oliveira

*Capa*

Estudio Garamond

sobre foto de .....

Agradecimentos aos atores Mel Lisboa, Felipe Camargo e Sérgio Marone, protagonistas do filme “Sonhos e desejos”, baseado neste romance, por autorizarem a utilização de sua imagem na capa.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
do Sindicato dos Editores de Livros

---

---

Todos os direitos reservados. A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

“Prova. Olha. Toca. Cheira. Escuta. Cada sentido é um dom divino.”

Manuel Bandeira, *Estrela da Vida Inteira*.

“Tudo o que perdi  
é meu, irremediavelmente meu,  
tão distante de mim que é desamparo.”  
Mario Benedetti, *Propriedade do Perdido*.

Para Waldemar e Josefa, meus pais.

Para Ana, Zino e Brancalone,  
Flávia, Preta e Manuelzinho,  
Leonardo, Flor e Anita,  
meus filhos.

Para Paulo César Araújo, o Pecê, não importa onde,  
meu amigo.

## PREFÁCIO

# Os Deserdados da Utopia

**N**o *Balé da utopia*, coreografado a partir da *Sagração da Primavera*, de Stravinsky, passando pelo *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha, e terminando no samba *Tudo o que Quiseres*, de Monarco da Portela, Álvaro Caldas interroga o destino da geração que, nos anos da opressão, sacrificou sua juventude em nome de uma radical transformação no panorama de nossa história. Derrotada no campo da luta, essa geração viu-se despojada do sonho que tanto acalentara. Três representantes dos deserdados da utopia (Cristiana, Santiago e o bailarino encapuzado), confinados numa estranha cabine e encurralados pelo impasse a que foram reduzidas suas vidas, trocam agressões e carícias, na busca ansiosa de saídas anunciadoras de novas possibilidades para aqueles que tiveram barradas todas as vias de acesso à cena de transformações coletivas.

Não se imagine, porém, que esta situação dramática dê espaço a cenários de angústia ou desistência. A derrota política não carrega consigo a arrogância do desespero. Dilaceramentos tatuados na alma dos quixotes da pós-utopia, ao mesmo tempo que avivam a memória da paixão com que um dia estes se entregaram à obra de assentamento das fundações de uma sociedade diferente, proibem-lhes qualquer acumpliciamento com as falsificações da existência.

Para os cavaleiros refugiados no sonho, nenhum pesadelo serve

de abrigo. Afeiçoados aos vãos de altitude, as asas que portam impedem a eles, como ao albatroz de Baudelaire, de caminhar em chão prosaico. A alternativa possível só pode ser vislumbrada no árduo confronto com as desconfortáveis asperezas de cada dia. E, para não desperdiçar nenhuma das pequenas oportunidades embutidas nas dobras do cotidiano, é preciso estar atento aos mínimos sinais, que exigem interpretação rápida e arguta.

Ligados no desafio, os deserdados da utopia ficam permanentemente em guarda, e ainda esperam fertilizar o deserto. Muito sintomaticamente, é a arte que, investida no papel de renovadora das forças da vida, se ergue contra o vazio da racionalização e contra a cegueira do ativismo. Como o mito da primavera, que a criação artística sempre refaz, o *Balé da utopia* recompõe o seu próprio ciclo, enquanto os feridos na véspera convalescem na aprendizagem de novas lições de vida e liberdade. A ação agora será coreografada, passo a passo, na perspectiva incerta de um horizonte que se furta ao olhar mais agudo.

*IVO BARBIERI*

Professor de Literatura da UERJ